

Grupo novo com músicos de (longa) bagagem

Matheus Montagner/Divulgação

Brado Trio estreia em disco com nove faixas autorais e turnê europeia em andamento

AFFONSO NUNES

Antes de existir fisicamente, o disco foi gestado nos palcos. Foi assim que o Brado Trio lançou seu primeiro álbum, “Trilhos do Vento”, com seu repertório testado diante de plateias italianas antes do lançamento oficial, marcado para o próximo dia 13. Formado por Ramon Montagner (bateria), Joseph Oliveira (contrabaixo) e Guilherme Ribeiro (piano), o Brado mediu a força deste trabalho em festivais como Ancona Jazz Festival, Arcevia Jazz Feast e Borghi in Jazz, além de concertos em Roma.

Nascido em 2025, o grupo propõe uma sonoridade que parte da música instrumental brasileira e desliza para o jazz contemporâneo e o pop alternativo, tudo muito orgânico. As nove composições inéditas,



O Brado Trio lança seu álbum de estreia no dia 13, após finalizar giro em palcos italianos

assinadas por Ribeiro e Oliveira, alternam densidade rítmica e contemporaneidade. “Piscou, Perdeu!” é um samba de pulso forte, onde piano, baixo e bateria dialogam com urgência. No outro extremo, “Daquilo que Habita em Nós” constrói um caminho introspectivo, com texturas que se transformam lentamente, quase imperceptivelmente. A faixa-título sintetiza a aposta do trio: equilibrar

a liberdade do improviso com o refinamento composicional, numa atmosfera modal que convida ao recolhimento.

O giro pela Itália tornou-se real depois que os músicos acompanharam a cantora italiana de jazz Susanna Stivali em apresentações em Belo Horizonte, São João del-Rey e São Paulo no ano passado. O trio pode ser novo, mas não a bagagem de

seus integrantes. Montagner traz mais de três décadas de pesquisa em ritmos brasileiros, colaborações com Johnny Alf e Hermeto Pascoal, autoria de livros sobre bateria nacional e o Prêmio Viola Smith, da plataforma Drumeo, em 2023.

Oliveira trilhou caminhos de enorme versatilidade tocando com Renato Teixeira e Negra Li. Doutorado pela Unicamp, Ribeiro par-

ticipou de shows e gravações com João Donato, Dominginhos, Paulo Moura, Céu e Titãs. Assina também a direção musical da Orquestra Anelo, projeto social sediado em Campinas.

Gravado no Estúdio Arsis, com gravação, mixagem e masterização de Adonias Júnior, “Trilhos do Vento” chega em formato digital pela Tratore.

CRÍTICA DISCO | BOROGODÓ

POR AQUILES RIQUE REIS*

Hoje trataremos de “Borogodó” (Kuarup), álbum do músico, violonista clássico e educador Octávio Deluchi. Natural de São João del-Rey (MG), foi na cidade de Prados que, por meio do violão, ele encontrou a trilha para a formação erudita.

Radicado em Nova York, o jovem Deluchi volta às origens para prestar tributo ao violão brasileiro de concerto, o que faz através de alguns compositores populares, numa demonstração de sabedoria explícita. Tal amplitude incondicional ajuda a desmistificar a “lenda” de que popular e erudito são incompatíveis – conflitantes é que não são, ora bolas! São todos frutos da árvore que alimenta a diversidade da nossa música.

Poucos instrumentos são tão brasileiros quanto o violão. Ele sintetiza a pluralidade do povo

Uma descoberta prazerosa

brasileiro: simples em sua sabedoria; cauteloso, mas surpreendente, em seu enfrentamento às tentativas de destituição de direitos conquistados a duras penas.

Desde a primorosa escolha do repertório, passando por improvisos inusuais, sonoridades plenas de criatividade e uma força descomunal nos arranjos, ouvir Deluchi tocar é um prazer! Uma sedução inspiradora a cada faixa.

“Toccata em Ritmo de Samba nº 1” (Radamés Gnattali): a obra de Radamés, compositor tão erudito quanto popular, propicia a Deluchi um desempenho arrebatador. Um dedilhado traz o arranjo, causando um suspiro no ouvinte, àquela altura estatelado.



Divulgação

“Serenata”, (Chiquinha Gonzaga): música que integra a burlata A Sertaneja, de Viriato Correia, de 1915, criada originalmente para canto e piano e posteriormente pensada na atual versão para violão, à qual Deluchi entregou sua

alma. Soando com a limpidez de um frasco de cristal, o arranjo tem tal finura que, com sua imensa beleza, comove. “Corta-Jaca” (Chiquinha Gonzaga): o ritmo vem aguçado pela puxada do violão; o arranjo de Deluchi tem um clima tão brasileiro que quase se pode pegar com a mão. “Bate-Coxa” (Marco Pereira): novamente o ritmo da obra impregna o violão que não nega fogo; um improviso vem aceso. “Luar do Sertão” (João Pernambuco & Catulo da Paixão Cearense) tem participação do Duo Aduar; os violões de Deluchi e Gabriel Guedez (DA), somados à viola de Thobias Jacó (DA), tocam em terças; os dois do Aduar, também em terças, cantam e agre-

gam riqueza a um trabalho que merece ser ouvido.

Atando tradição a contemporaneidade, fazendo do violão um guardador da cultura brasileira, Octávio Deluchi a torna ainda mais bonita do que já é, e diversa que só ela. Ouça o álbum em <https://l1nq.com/qwzmp0x>.

Ficha técnica

Octávio Deluchi: violão e edição; participação: Duo Aduar (Gabriel Guedez: violão e voz, e Thobias Jacó: viola caipira e voz); arranjos para temas de Chiquinha Gonzaga: Octávio Deluchi; arranjo para “Luar do Sertão”: Duo Aduar & Octávio Deluchi; engenheiro de som: Alexandre Andrés; mix & master: Alessandro Tavares; produção: Ricardo Gomes.

*Vocalista do MPB4 e escritor